

O “MAIS VASTO E LUXUOSO SALÃO DA NATUREZA”ⁱ AMEAÇADO: EUCLYDES DA CUNHA - UM AMBIENTALISTA *AVANT LA LETTRE*

1 INTRODUÇÃO

A pauta dos temas da virada do século XIX para o XX não incluía as questões relacionadas à preservação do meio-ambiente, à eco economia e à ESG (*Environmental, Social and Governance*), - Governança Social e Ambiental - bem como as decorrentes da reciclagem dos resíduos de uma sociedade cada dia mais ávida pelo consumo esbanjador e seu macabro legado: a destruição da natureza, as emergências climáticas e suas catastróficas consequências.

Por outro lado, o sentido de responsabilidade socioambiental não parece ser privilégio de qualquer geração histórica. Assim, a preservação da “paisagem”, dos recursos naturais e do meio-ambiente em geral, e as consequências do olvido dessas questões, tem raízes bem mais antigas e a literatura confirma esse fato na obra de alguns dos mais importantes intérpretes da nossa nacionalidade; especialmente no que tange à Amazônia, ao seu riquíssimo bioma, à cultura dos seus povos originários e aos gigantescos desafios que a preservação desse ecossistema nos impõe.

Já na primeira década do século XX um dos mais celebrados pensadores nacionais: Euclides da Cunha, militar, engenheiro, jornalista, cientista social, para alguns, o fundador da Sociologia brasileira (FREYRE, 1933; 1944), consagrado escritor e, sobretudo, um brasileiro apaixonado, nascido em Cantagalo (RJ) em 20 de janeiro de 1866 e tragicamente morto no Rio de Janeiro (DF) em 15 de agosto de 1909 (RABELO, 1983), com sua magistral obra interpretativa de nossa nacionalidade: *Os Sertões* (1902), se inscreveria na galeria dos intérpretes do Brasil atentos à questão ambiental e à defesa da natureza.

A seguir analisaremos como essa obra pode ser vista como pensamento social inovador na sua antecipação pioneira à temática ambientalista de proteção da natureza e do uso responsável dos recursos do meio ambiente, no cenário do Brasil ainda em processo embrionário de industrialização.

A partir do estudo dos elementos determinantes da relação “homem-natureza” na obra euclidiana e, em especial, em: *Os Sertões* (1902), *Contrastes e Confrontos* (1907) e *À Margem da História* (1909, publicada *post mortem* do autor), bem como de alguns de seus artigos em jornais e revistas da época e de suas missivas, buscamos revelar como esse notável pensador brasileiro se antecipou, em quase um século, a tão complexo quanto desafiador tema do mundo atual - pauta da *Conference of the Parties (COP 30)* da Organização das Nações Unidas (ONU) a ser realizada em novembro de 2025 em Belém (PA).

2 AMBIENTALISMO NA VIRADA DO SÉCULO XX PARA O XXI

Nestes tempos atuais (Antropoceno) de frequentes catástrofes naturais - cada vez mais intensas e devastadoras - e dos desafios das emergências climáticas que as provocam, dito de outro modo, de transformações ambientais derivadas da influência predatória e progressiva da ação humana sobre o meio ambiente e seu delicado “relógio do clima”, a temática de proteção da natureza e de preservação do meio ambiente tem contemplado dois olhares complementares na sua objetivação comum, ainda que diversos no protagonismo de suas ações: a visão macro ou de políticas públicas e a ótica micro ou de negócios.

2.1 A Visão Ambientalista Macro ou de Políticas Públicas

Para o economista e sociólogo Henrique Leff: “O Ambientalismo é a expressão política e ética da preocupação com os limites da Natureza e da responsabilidade humana em relação ao planeta” (LEFF, 2001). Já, Ailton Krenak, poeta, filósofo e ambientalista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e representante dos povos originários da nação Krenak

(habitantes do Vale do Rio Doce, MG e ES), acrescenta: “A ideia da humanidade é uma ficção. Nós não somos uma humanidade. Nós somos muitas humanidades” (KRENAK, 2019).

E é nesse espaço, esvaziado de fundamentos éticos e de saberes de nossas “múltiplas humanidades”, que repousa a dinâmica sobre a qual Euclides reflete nas obras analisadas: a relação “homem/sociedade-natureza” - tema central da COP 30, que, obrigatoriamente, colocará na pauta de suas discussões temas candentes como, por exemplo, a recente aprovação pelo Congresso Nacional do projeto de lei que estabelece regras gerais para o licenciamento ambiental, contra os pareceres do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, das comunidades científica e acadêmica e da opinião pública em geral.

De um levantamento (com apoio de IA) na bibliografia sobre o significante “ambientalismo”, encontramos: “O ambientalismo parte da premissa de que a natureza tem valor intrínseco e deve ser preservada, tanto por seu valor próprio quanto por sua importância para a sobrevivência humana. Ele se opõe à exploração predatória dos recursos naturais e denuncia os impactos ambientais de sistemas econômicos, especialmente do modelo industrial e capitalista tradicional” (GPT, 2025).

E destaca as seguintes correntes ambientalistas:

1. **Ambientalismo conservacionista:** Busca preservar áreas naturais e espécies ameaçadas, muitas vezes através de parques e reservas.
2. **Ambientalismo reformista** (ou sustentável): Defende a conciliação entre crescimento econômico e proteção ambiental por meio do desenvolvimento sustentável.
3. **Ambientalismo radical ou eco cêntrico:** Propõe transformações estruturais profundas, incluindo críticas ao capitalismo, ao antropocentrismo e à lógica de dominação sobre a natureza.
4. **Ambientalismo de justiça socioambiental:** Enfatiza a interligação entre questões ecológicas e sociais, como desigualdade, racismo ambiental e direitos territoriais. (GPT, 2025, destaques deste autor).

No Brasil a mais ativa tradição preservacionista da natureza se liga à luta por justiça social e direitos territoriais. Autores como Carlos Walter Porto-Gonçalves (1949-2023), além dos já citados: Enrique Leff (1946) e Ailton Krenak (1953), têm contribuído muitíssimo para uma visão de ambientalismo crítico, plural e enraizado na realidade histórica local.

2.2 A Ótica Micro ou de Negócios

Esta corrente apoia-se no conceito de *Environmental, Social and Governance (ESG)* (Governança Social e Ambiental) e refere-se a um conjunto de critérios usados para avaliar o desempenho sustentável e ético de empresas e organizações. Seus critérios orientam investidores, consumidores e outros *stakeholders* no entendimento de como uma empresa deveria lidar com suas responsabilidades sociais, ambientais e de governança corporativa.

Vejamos como as letras iniciais de ESG realizam a “produção de sentidos” desse discurso:

Environmental (Ambiental): Avalia o impacto da empresa no meio ambiente.
Exemplos de aspectos analisados:
Emissão de gases de efeito estufa (pegada de carbono)
Uso de recursos naturais (água, energia)
Gestão de resíduos e reciclagem
Preservação da biodiversidade
Adaptação às mudanças climáticas;

Social: Examina como a empresa se relaciona com as pessoas (funcionários, comunidades, fornecedores e clientes):

Direitos humanos e trabalhistas
 Diversidade, equidade e inclusão
 Condições de trabalho seguras e saudáveis
 Impacto nas comunidades locais
 Proteção de dados e privacidade do consumidor;

Governance (Governança): Refere-se à estrutura de liderança e à conduta ética da empresa:

Composição e independência do conselho de administração
 Práticas anticorrupção
 Transparência e prestação de contas
 Remuneração de executivos
 Direitos dos acionistas. (GPT, 2025)

Ainda que, eventualmente, o pensamento do intérprete do Brasil aqui estudado possa antecipar - de algum modo - as três letras definidoras do conceito de ESG, cumpre destacar que as teorias sobre Governança Corporativa, *Stakeholders* e Responsabilidade Social Corporativa derivam das: teoria Institucional/Neoinstitucional, da Agência e da Nova Sociologia (Crítica) das Organizações - do último quartel do Século XX -, portanto, posteriores à teorização e ao cenário retratado por Euclides da Cunha nas obras em tela. Assim, para escaparmos do cometimento de um anacronismo metodológico, focaremos nossa análise a seguir, exclusivamente, na ótica ambientalista macro ou política, isto é, a que contempla às questões que envolvem a ética e a equidade, sentidos compulsórios e permanentes da decisão pública e das ações do Governo em qualquer época histórica.

3. O PIONEIRISMO AMBIENTALISTA DE EUCLYDES DA CUNHA

A partir das formas de engajamento sugeridas pelas quatro correntes ambientalistas macro ou de políticas públicas e da “produção de sentidos linguísticos” que estas invocam, “garimpamos” na obra euclidiana (livros, artigos e missivas) alguns excertos ilustrativos do possível engajamento desse autor nas questões ambientais *avant la lettre*. O Quadro 3, a seguir, resume o resultado dessa “garimpagem”.

Quadro 1 - O Ambientalismo *Avant la Lettre* de Euclides da Cunha

Correntes do pensamento ambientalista	Engajamento (“sentidos linguísticos”)	Excertos do discurso do autor	Fonte
Conservacionista	Preservação de áreas naturais e espécies ameaçadas.	<p>“O caboclo não vence a floresta: ele se apaga nela, confundindo-se com sua sombra imensa”.</p> <p>“A Amazônia é um labirinto verde, onde o homem se perde, reduzido à insignificância ante a grandeza esmagadora da natureza”.</p> <p>“É imprescindível estudar a Amazônia antes de possuí-la”.</p>	<p><i>Contrastes e Confrontos</i>, 1907.</p> <p><i>À Margem da História</i>, 1909.</p> <p><i>À Margem da História</i>, 1909.</p>
Reformista	Conciliação entre crescimento econômico e proteção ambiental. Desenvolvimento sustentável.	<p>“A natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel...”</p> <p>“O homem não desbrava a Amazônia; ele se dissolve nela”.</p>	<p><i>Os Sertões</i>, 1902</p> <p><i>À Margem da História</i>, 1909.</p>

		“O índio vive na floresta, não contra ela. Seu saber ancestral deve ser parte do nosso saber”.	<i>À Margem da História</i> , 1909.
Radical	Transformações estruturais profundas (capitalismo, antropocentrismo, dominação sobre a natureza).	“Contra o Bonde e Contra a Locomotiva” (artigo em um jornalzinho escolar). “[...] uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira”. “O seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”. “O seringueiro não cultiva a árvore que lhe dá sustento; ele a esgota e abandona”.	<i>Democrata</i> , 1884. In: ANDRADE, 1960, p. 25. <i>Carta a Artur Lemos</i> , Manaus, 1905. In: GALVÃO e GALOTTI, 1997, p. 269. <i>À Margem da História</i> , 1909. <i>À Margem da História</i> , 1909.
De justiça socioambiental	Interligação entre questões ecológicas e sociais (racismo ambiental, desigualdade, e direitos territoriais).	“A campanha de Canudos não foi uma guerra foi uma matança”. “O índio não é um inimigo é um degredado da civilização”.	<i>Os Sertões</i> , 1902. <i>À Margem da História</i> , 1909.

Fonte: Organizado pelo autor.

A análise dos dados do Quadro 1 revela que as duas primeiras formas de engajamento nas questões ambientalistas macro, isto é a “conservacionista” e a “reformista”, apresentam três excertos literários, cada, levantados da obra euclidiana e a elas associáveis. Já, a corrente que preconiza transformações estruturais (profundas) na formulação de políticas públicas, isto é, a corrente do pensamento “radical” apresenta quatro, e a que se volta à defesa da “justiça socioambiental” está presente com, apenas, dois excertos. Assim, de um total de 12 manifestações de inquietações ambientalistas presentes na obra do autor aqui estudado, a maior frequência (4 ocorrências) reflete seu provável alinhamento com a corrente “radical” desse pensamento, com destaque para o longo e contínuo período de sua manifestação, que se inicia com o texto publicado no *Democrata*, em 1884 (um jornalzinho escolar), quando o autor tinha apenas 18 anos de idade, e se estende até sua derradeira obra: *À Margem da História* (1909) com a denúncia da selvageria do modelo de exploração do trabalho denominado ‘aviamento’, intensamente praticado pela economia gomífera (época áurea da borracha) e, ainda viva nos dias de hoje.

Por outro lado, considerando que a missão do Ministério do Meio Ambiente e da Mudança do Clima (MMA) do Governo da República Federativa do Brasil, criado em 1992, é: “Formular e implementar políticas públicas ambientais visando proteger o ‘meio ambiente’ e promover o ‘desenvolvimento socioeconômico sustentável’” (MMA, 2025), podemos afirmar que os termos-chave dessa missão: “meio ambiente” e seu correlato “natureza” e “desenvolvimento socioeconômico sustentável” ou, retrocedendo à linguagem do época de produção da obra euclidiana: “paisagem(ns)” e “degradação ambiental”, à exceção do primeiro (ainda não cunhado), todos, estão presentes no discurso do autor totalizando 45 menções e frequências muito significativas, como demonstra o Quadro 2 (página seguinte).

Quadro 2 - O Pensamento Euclidiano e a Missão do MMA: Frequência das Palavras-chave

Obra	Missão do MMA – significantes definidores				Total
	Natureza	Paisagem(ns)	Meio ambiente	Degradação ambiental	
<i>Os Sertões</i> (1923) [1ª Ed. 1909]	15	6	Ø	4	25
<i>Contrastes e Confrontos</i> (1907)	5	2	Ø	3	10
<i>À Margem da História</i> (1909)	6	2	Ø	2	10
Frequência Total	26	10	Ø	9	45

Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio de IA (GPT, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da breve análise realizada neste trabalho pode-se inferir que Euclides da Cunha, em sua obra literária, antecipa em quase um século as candentes questões sobre ambientalismo que desafiam a humanidade nestes tempos de vertiginoso progresso científico e desenvolvimento do capitalismo (quicá, em sua forma mais selvagem). Se assim for, a resposta afirmativa à questão de partida desta investigação não seria um anacronismo e o autor de *Os Sertões*, *Contrastes e Confrontos* e *À Margem da História*, de fato, pode ser considerado um pensador social inovador e um ambientalista *avant la lettre*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. S. *História e Interpretação de Os sertões*. São Paulo: EDART, 1960.

BRASIL, MMA. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/aceso-a-informacao/institucional-quem-e-quem>. Acesso em 20/07/2025.

CUNHA, E. *Os Sertões (Campanha de Canudos)* (6ª ed. Corrigida e definitiva de acordo com emendas deixadas pelo autor), Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923 [1ª ed. 1902].

CUNHA, E. *Contrastes e Confrontos* (9ª. ed., s/d), Porto: Lello & Irmãos, 1909 [1ª ed. 1907].

CUNHA, E. *À Margem da História*. Porto: Lelo & Irmão, 1909.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal* (22ª Edição). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1983 [1ª ed. 1933].

FREYRE, G. *Perfil de Euclides e Outros Perfis*. Rio de Janeiro: José Olympio, Editora, 1944.

GALVÃO, W. N. e GALOTTI, O. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GPT. Disponível em: <https://www.chatgpt.ai/> Acesso em jun/jul 2025.

KRENAK, A. *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, E. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

POSSENTI, S. *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RABELO, S. *Euclides da Cunha*. (3^a. Ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1983.

ⁱ“O homem, ali [na Amazônia], é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão” (CUNHA, 1909, p. 4).